

140

O GUARANY

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E HUMORISTICO

FOLHA QUINZENAL



Anno I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Barão de Itapetininga, N. 43 - S. Paulo

Numero 6

Propriedade de uma associação



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Semestre 3\$000 reis
Trimestre 2\$000 "
Pagamento adiantado.

Tendo com o presente numero terminado o primeiro trimestre d'O Guarany, pedimos aos assignantes que quizerem renovar as suas assignaturas, o fazerem em tempo afim, de evitar a suspensão da remessa da folha.

Não se restituem autographos.

Toda correspondencia deverá ser dirigida ao gerente.



O Guarany

Sem prever os grandes inconvenientes que acarretava, dissemos no numero passado que a nossa folha seria publicada semanalmente. Entretanto temos o pezar de contradizer hoje aquella affirmação, pois, d'ora avante sahira quinzenalmente «O Guarany», voltando ao antigo costume.

Recebemos cartas de muitos amigos e collegas de imprensa, nas quaes exhortavam-nos os inconvenientes do passo que iam dar.

E tendo nós meditado bem, deli beramos tornal-a outra vez quinzenal.

Um confrade assim se exprimiu. «Não poderão sustentar por muito tempo a folha, se a fizerem semanal,, pois innumeradas são as difficuldades

com que tem que lutar e accresce ainda circumstancia de que não tem typographia propria».

Demais, somos estudantes e o tempo de que dispomos é limitadissimo e as lides da imprensa necessitam de muitissimo tempo, o que nos é impossivel.

Pedimos, pois, desculpas aos leitores por termos comettido essa falta, mas asseguramos que não é por falta de recursos pecuniarios que tomamos essa resolução.



A morte d'uma filha

(A' SEUS PAIS)

Qual a pomba que cãe no chão, ferida
Pela bala feroz do atirador,
Assim a morte decepou-lhe a vida
Num momento sinistro, aterrador!

E agora soffredora e resentida
A mãe afflicta, soluçando em dôr,
Pranteia a linda filha tão querida,
Que era na terra o seu divino amôr.

Emquanto todos choram tristemente,
Como o naufrago em meio do escareu,
Por essa virgem que rasgou contente,

Da immensidade o immaculado véo,
Os anjos dizem do alto alegremente:
E' mais um anjo que aportou no céu!

A. Tolentino de Almeida



Amanhã...

A aurora brilha no horizonte radiante
de luz e de scintillações; ella, com suas
mãos abre de par em par as cortinas
do oriente, deixando passar seu pae,

que em carro de ouro fende as nuvens,
puxado por soberbos e fogozos cavallos
levando a claridade e a alegria, aos
reconditos e escuros labyrinthos do
nosso orbe, antes um pouco immergido
nas trevas da noite.

E assim succedem-se os dias, as
vezes melancolicos e taciturnos outros
porém, com os brilhantes raios solares
que o afaga e o inunda de poesia...

Sonho e illusão é o dia que passa,
esperança e allivio é o dia de amanhã.

Amanhã... eis a esperança em sua
força illusoria, eis o consolo das infelizes
illudidos pelo dia que passa...

**

— Ah! mamã, amanhã elle vem, não é?
perguntou uma loura creança a uma
mulher em cujos olhos, tremiam como
gottas de orvalho, duas lagrimas bri-
lhantes.

Conchegando-a ao peito e com a voz
quasi embargada pelo soluço, disse:

— Sim, elle vem amanhã... o teu
papá ha de vir...

Pobre mãe! a esperança de um dia
adiava para outro, sempre esperando e
crente no dia que havia de nascer.

Cada dia que se passava, era um
martyrio para ella, sempre interrogada
pela filhinha, a qual respondia co os
olhos inundados de lagrimas:

— Amanhã... elle vem...

**

Os dias succediam-se com elles
formou-se um anno!

O pae da desventurada creança,
havia partido para a guerra: ha muito
tinha deixado de existir defendendo a
patria no campo da batalha.

Deixara poucos recursos a familia,
que constava de sua mulher e filhinha.
Que futuro estava reservado a estes
infelizes!

Acabara-se a guerra, e cil-os ainda
esperando o dia de... amanhã!..

A fome veio audaciosa sentar-se á
porta e surrateiramente cil-a no meio
do esperançoso ambiente das infelizes
creaturas.

A pobre mãe não podendo ver soffrer a filha de seu amado esposo, embora quasi morta de fome levava a bocca da desgraçadilha os restos do negro e duro pão da miseria...

Um dia jazia no leito prestes a morrer e a filha devorava com fome selvagem, o ultimo bocado de pão e depois correndo ao leito de onde contemplava-a sua mãe chorosa, perguntou abraçando-a:

— Mamã, elle não vem mais?... quando elle vem?..

E a desditosa, deixando rolar as lagrimas pelas enervadas e pallidas faces respondeu pela ultima vez com a voz envolta em doloroso suspiro:

— Amanhã...

Capital Federal - 26 - Abril 95

Theodorico

Cartas femininas

I

Meu cáro duque de Suffolk:
Saúde.

Hontem, á tarde, quando estive em meu Palacio, e tiveste a franqueza de me contar, de me descrever os encantos das tuas antigas namoradas fiquei completamente, de coração o digo, encantada e mesmo absorta ao ouvir as dissertações que fazias sobre

aquellas raras bellezas, que tanto te impressionaram fiquei commovida, meu duque, e fiquei te estimando com mais ardor, ao saber que o teu coração soffreu tantos martyrios, tantas dores, e passasse por tão crúas provas, sem ao menos se tornar um deposito de odios e de despeitos

Se fosse o meu, eu t'o garanto, haveria de arrebentar o dique da paciencia e derramar em abundancia o fêl do desespero. Mas, como as nossas organizações são diferentes... eu me torno muda deante deste problema para mim desconhecido.

Meu cáro duque de Suffolk, permitta-me que, nestas breves linhas, eu faça um rapido juizo sobre algumas das encantadas sylphides, que passaram pela tua frente semeando, lançando das suas douradas azas, as sementes do noscivo amor, que te ia atirando ao cháos profundo da apathia. Não penses, porém, que esta tua amiga, venha trazer aos olhos do publico, as imagens vivas, palpitanes das ingratições que soffreste, não; hei de ser muito discreta em não contar nenhuma das lúgubres passagens que te enluctaram a vida; e mesmo, não mencionarei os nomes daquellas que te fizeram mais soffrer. Fallarei, somente nas que te são menos tristes.

Principiarei pela G..., a quem tu amavas tanto e ella a ti, em quem depositavas tanta confiança; a quem consideravas o ente mais puro, mais cheio de candura que nesta terra existiu. Principiarei pela G... — a orphã martyr — dizendo a ti, meu duque, votes á ella eterna amizade, eterna compaixão acrisolada do mais puro respeito. Ella, pelo que me contaste,

foi uma submissa escrava dos seus despoticos tutores: abandonou-te, ou fingiu se esquecer de ti, para fazer a vontade estúpida daquelles que a crearam.

A ella nestas linhas, deixo as flores da mais nobre, da mais santa e pura amizade, que são as flores da minha alma.

Fallarei agora, duque, em poucas palavras sobre a A..., a minha antiga companheira de eschola. Foi, antigamente, a virgem mais apreciada, mais decantada pelos moços poetas que a conheciam; mas, que no meu fraco entender, não passava de uma belleza commum, sem a precisa força para fazer vibrar as cordas sensiveis do amor. Não sei, pois, como ficaste apaixonado por semelhante moça, quando conhecias outras mais bellas e de mais poesia. Bom, ponto-final. Tu com certeza estás a dizer com os teus botões, que eu, provavelmente, sou uma acerrima inimiga da minha companheira de infancia. Pois, se isto pensas, estás enganado, somos amigas intimas. Fallei, apenas: a verdade.

A outra, meu bom duque de Suffolk da qual principio a tratar, é a senhorita D... Esta, é o typo, eu a conheço, de todas as moças que vivem no mundo das illusões, sonhando com phantasmagorias, com principes, com cavalheiros andantes e com castellos dourados.

E' das que viram, que tomam a direcção que o bafejo morno do amor lhes der.

As feias ingratições, as cruas maguas, que por causa desta morenita tu

CHRONICA

Antes de começar a resenha dos factos mais importantes, cumpro um dever dando publicidade a carta que se segue e que me foi endereçada logo após a sahida do 4º numero do Guarany.

«Illustre Senhor Tonico Pança. Cumprimos a V. S. e aos mais membros dessa illustrada redacção.

Lendo o vosso interessante «Guarany» deparamos com uma poesia, intitulada Praga e assignada por um senhor Philippão. Achemos, sr. Pança, que aquillo nada mais é do que uma offensa ao sexo feminino e sendo assim protestamos vehementemente contra a tal Praga, que, digamos de passagem, V. S. não deveria dar publicidade, attendendo já aos termos que alli são empregados, já a affronta ao nosso sexo. Pois um jornal como o vosso, bem redigido e onde labutam pennas de renome, trazer tamanho ultraje, tamanha bandalheira!!

Sentimos, deveras, feridas no ultimo

de nossa alma e o nosso pundonor feminino feriu-se demasiadamente, não por sermos *azeiteiras* de profissão, porém, qual a moça que não tem o seu amadosinho.

Aponte-nos uma o Sr. Philipão e então sim as demais serão *azeiteiras*, porque, com franqueza que mal ha em namorar-se um moço a quem se vota amor puro e santo? Bom, nosso caro Sr. Pança cremos ter cumprido o nosso dever levantando bem alto, um grito de protesto não como namoradeiras, porém, como pertencentes ao sexo que os homens denominam — o bello.

Aqui aguardamos as vossas ordens e subscrevemo-nos com consideração.

De V. S. attentas creadas. Engracia Maria de Jesus. Quitéria do Espirito Santo.

S. Paulo, Março de 1897»

Mas, minha Senhoras, si V. ^{Hx}mas não são *azeiteiras*, deixai que corra o barco...

As quartas e aos sabbados, dias de musica no jardim costuma com assi-

duidade frequentar esse jardim uma mocinha, que denota aparentemente ter quinze annos. E' assás bonitinha, baixa, seios salientes e bem torneados, algum tanto morena, esse moreno jambo, caracteristico da brasileira, olhos pretos e de grandes dimensões, cingidos por bastas sombrancelhas escuras (talvez pintadas com carvão de rolha).

Antehontem estava eu, sorumbatico, a espera de um collega para filar-lhe um Mozart ou um chop na Bodega quando vejo passar por mim a referida donzella, toda donairoza, vestindo azul claro e calçando sapatinhos brancos, a Rio Nú e oh! que pesinho! Talvez 32 só! Vinha toda sorridente, e agitando um leque de plumas que trazia então na mão direita. Ao ver-me cumprimentou-me com o leque tendo nos labios roseos e provocadores um sorriso meigo e terno. Aprumando-me, estupefacto e attonito, pois, não a conhecia, rasguei um cumprimento da cabeça aos pés. Seguia-a depois attentamente com a vista, a ver se podia saber quem era aquella joven e se o cum-

soffreste, devem, hoje, ser consideradas por ti, como o mais puro lenitivo, pelo qual o maligno Cupido, poderia nesta vida te fazer passar. Ha males que dão bons effeitos.

O que a minha bôa amiga D... te fez, não passou de um verdadeiro capricho: indicio de crateras ignotas...

Aqui paro, Suffolk, ara não entrar na historia triste da tua vida, que m'a contaste, attendendo fidalgamente o meu pedido.

Mas, para não terminar esta carta sem uma nota que te satisfaça, vou dizer-te, que, a *menina de ouro*, que tu escolheste para a tua noiva, é digna de ser amada por ti com toda a devoção.

Da tua amiga

Condessa de Donnesmark.

Carta aberta

A. S.

Sim! fallo a ti anjo da minha guarda! A ti que és o phanal que me illumina, que és a estrella nitente que me guia, a ti dirijo estas palavras, que te asseguro são sinceras e sahem do meu coração abrasado pela paixão que me devora o peito de joven. São lagrimas vertidas no campo do Amôr.

Escuta, ouve esta prece, por Deus eu te peço! E'o teu servo submisso que ousa declarar-te amôr, è elle que

protesta a sua paixão já enraizada por ti que és a mais pura das mulheres e mais bella de que Venus. Sim, paixão! Talvez loucura! Porém pouco importas que o seja uma vez que me desprezas, como se desprezava um Pária.

Desprezado pelo ente a quem mais se adora, a quem se consagra a paixão mais santa, oh! é cruel, é triste é doloroso!

Mas se te amo, se te adoro louco a culpa não é tua, flôr. E' minha sô, pois fui fraco de animo, fui mesmo covarde Vi-te pela primeira vez no templo, uma tarde do saudoso Março; trajavas branco e como estavas linda!...

As nossas vistas cruzaram-se e senti um calafrio de prazer e alegria: li no teu olhar de serpente sélere um protesto amôroso! Desde então apaixonei-me cegamente...

Porém tudo mentira, tudo illusão!... O teu olhar era de desprezo e odio, qual victima agonisante ao lado do seu assassino!

Oh! cruel decepção!

Me abandonas, me feres com o agulhão terrível do desprezo, porém meu coração é teu, a ti pertence lyrio a desabrochar em manhã de primavera! Faze delle o que quizeres, creança, mas por Nossa Senhora eu te supplico, volve esses teus olhos divinos para quem te ama, para quem te adora, para quem te idolatra!

21-4-97

A.



primento fora feito por *deboche*. Mas nada de poder saber quem era a *bicha* e indignado encaminhei-me para onde ella se achava, com o fim de pedir, satisfações, pois, a unica hypothese admissível era que para gracejar comigo fizesse aquelle caradurismo, porem a minha passagem junto a um grupo de estudantes reconheci no meio o Barboza que me disse antes de apertar-lhe a mão em tom brejeiro:

— Cenheces aquella menina?

— Não, respondi.

— Pois é uma das mais azeiteiras de São Paulo. Vive em constante derrigo com a rapaziada e te asseguro, é doida por estudantes.

Ainda agora mesmo acaba de me cumprimentar de uma forma tão sorridente, que, quem nos visse diria que eramos primos.

Então, pasmo e em attitude sevêra bradei:

— Oh! chysto! Oh! chysto! És a minha unica esperança te supplico agarra-te ao pescoço daquella *azeiteira* e ensina-a a namorar contigo no congoto!

A proposito ainda da Praga-Philippão (que é só extensiva as azeiteiras e não as que têm um unico anmora do como a minha que só me ama, desculpando-me o leitor a indiscripção), causou tamanha indignação, que, o humilde chronista passando por uma rua desta cidade, foi-lhe interrompida a passagem por tres moças, travando-se o seguinte dialogo:

— Muito agradecemos o ter o Snr. publicado a poesia do Snr. Philippão, que nos offende de um modo torpe e horripilante!

— Não, minhas senhoras, já mais cogitamos em offendel-as. Si publicamos foi por que o *azeite* vendia-se as canadas e agora graças á ella já esta diminuindo, o que muito nos satisfaz.

— Mas então é crime se namorar?

— Não é, tendo-se um unico amado, porém, cinco, dez, vinte, como commumente têm as namoradeiras...

E dizendo isto safei-me *encabulado* e dizendo aos meus botões:

To Miss***

Quando a noite desonta esplendorosa
E Phebe, no hosisonte vem surgindo,
Minh'alma pensa em ti, leda saudosa
Vislumbrando do céu o matiz lindo.

E saúda contente a luz do dia,
Quando as aves pousando sobre as flores
Despertando a manhã com alegria,
Tecem doces canções a seus amôres

Contemplando do mundo a gentileza
Vejo luzir qual ninho de uma fada
O levante despido de tristeza

Na luz do sôl brilhante d'alvorada
Vejo sorrir formosa a natureza
Mas não vejo teu sorriso minha amada!

D. Conde Filho

Historia do meu amôr.

(Continuação)

— Minha senhora, creio que de-sejaes ir ao lado de vossa respeitavel mãe e como irei perfeitamente atraz, uso offerecer-vos o meu logar.

Ella, então, com uma voz melodiosa qual o som de uma harpa ouvida bem de longe, respondeu-me:

— Aceito e fico-vos muito agradecida.

Livra! até na rua tenho que dar satisfações!

Acabo de ler no nosso distincto collega «Ceciliana», um insulto aos redactores do *Guarany* que nada têm com o Perscrutador, por ter este gracejado com o collega, tendo intimidade com os membros da redacção.

Agradeço, como um dos redactores, a gratuita offensa, e as phrases pouco delicadas que empregam nos «Consta» referentes a nós; prometto ao collega, cujos redactores e mais membros da redacção não tenho a honra de conhecer, pedir silencio no que disse respeito a «Ceciliana».

Fica, pois, liquidada a questão e como diz o dictado a *malcreação* fica com quem a faz.

Tonico Pança



Momentos depois o cocheiro fustigou os animaes e o *bond* começou a escorregar velozmente sobre os trilhos. Ella de vez em quando me olhava e nesses olhares eu lia qual-quer cousa que me causava uns arranhões cá no meu coração. Do olhar passou ao sorriso e arranjando um pretexto para dirigir-me a palavra perguntou que horas eram:

— São duas horas da tarde, minha senhora.

Ella, movendo brandamente os labios e deixando-me antever seus eburneos dentes em um sorriso doce, disse-me com aquella voz que soava ao mais recondito do meu coração.

— Muito agradecida.

Me elevei as nuvens e confiei no bom exito da empresa.

Chegámos, finalmente, á casa della. Apeiou-se e sorrindo para mim, como me convidando para passar por la algumas vezes entrou em uma bella vivenda.

Tomei nota do n.º na carteira e segui até o ponto terminal da linha voltando no mesmo *bond*.

Durante o trajecto, monologava, eu:

POLYCARPO BARRICA

(Continuata.)

Soneto

A' ELVIRA.

Meu peito dóe, e eu farto já da vida,
Na solidão procuro o meu descanso;
E sempre triste: mas, jamais eu canso
De soletrar: « Elvira minha querida ».

Elvira! Doce nome e tanto encanto
Distilla Elvira do sorriso puro,
Que agora, Deus, eu mesmo não aturo
Viver sem teu sorriso rubro e santo.

Eu fui feliz, e agora vivo triste
Só esperando o fim da minha vida:
Eu fui ditoso quando a mim sorriste:

Cri no amôr, palavra tão mentida...
C'o mesmo riso, a mim, mulher mentiste
Dando-me dupla dôr, dobrada lida.

10-4-97.

J. GOMES PORTO.

Echos e Noticias

Retirou-se do corpo de redacção desta folha o intelligente joven Snr. Aureliano R. de Oliveira que desde a sua fundação dezempenhou com lisura as funções de redactor-chefe. Lamentamos profundamente sua retirada e esperamos que afastado de nós continue a nos auxiliar com seu florido talento.

No dia 20 de Abril realisou-se na residencia do Snr João Proost Rodovallho um esplendido *sarau* dançante, em signal de regosijo pelo anniversario natalicio de sua Ex.^{ma} consorte e pelo baptisado de uma interessante filhinha.

Consoceiou-se no dia 24 de Abril o Snr. Dr. Candido de Souza Campos com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Zuleika Malta, dilecta filha do Dr. Procopio de Toledo Malta.

Ao joven par desejamos toda sorte de venturas.

Depois de algumas semanas, de ausencia, acha-se novamente entre nós o nosso amigo, o Snr. Rodrigo Claudio da Silva distincto estudante da Escola Polytechnica d'esta capital.

Abraçamol-o.

Festejou a 14 do corrente o seu 2º anniversario o nosso illustrado collega; O São Paulo e Minas, defensor acerrimo dos interesses do florescente municipio de Ribeirão-Preto.

Ao distincto collega felicitamos cordialmente e desejamos-lhe vida longa e um caminho cheio de rósas.

Esteve de passeio n' esta capital, o Dr. Frederico de Barros Brotero, illustre promotor publico de Tietê

Cumprimentamol-o.

Dizem...

— que a *Praga* do Philippão fez com que o sangue de certa *azeiteira*, a quem coube perfeitamente a carapuça, aquecesse a ponto de quasi fazel-a estrangular o Osc... Mor..., apesar delle nada ter com o *peixe*.

— que certa moça, só para contradizer o Perscrutador, tem se mostrado muito fiel, *azeitando* unicamente ao Mar... Jul...

— que elle ficou muito contente com o serviço que o Perscrutador lhe prestou e vae offerecer ao mesmo um ban-

quete sendo convidadas todas as *azeiteiras* que vagam por esta *azeitada* capital.

— que o Ped... Sob... apaixonou-se pelo *chop* da rua de São-Caetano.

— que as costellas do Perscrutador estiveram ameaçadas de ser comprimidas por algumas *benjaladas* (!?) do *aglomerando* (com um *g* sol) *sonetista* e *suave collador* de Historia Universal na parte referente a Phenicia.

— que o Perscrutador pede ao *mano* que fique manso porque a insulto se responde com insulto e meio.

— que certo rapaz poz uma bycicleta na rifa afim de com o *cobre* que render comprar uma *piroga* para seguir certa pessoa que partiu para longinquas plagas.

— que o Rod... deixou em Petropolis uma moça verdadeiramente apaixonada por elle e

— que ella enviou um retrato para a rua General Jardim onde elle costuma passar diariamente.

— que o Ale... sympathisou-se com a rua da Conceição: desconfia-se de algum *azete* visto o mesmo reinar de um modo epidémico depois de sua solemne benção pelo bispo.

— que certo namoro da rua Conselheiro Nebias corre a mil maravilhas.

— que certo rapaz foi desafiado pelo Jul... para um duello sendo a causa uma moça da rua dos Bambús.

— que o Pim... I poz agua na *fervura*, *azeitando* a tão contestada moça ficando os dous rivaes a ver duello e conquista por um *oculo*.

— que o Mar... Cau... vae declarar se rival do Pim... I para distrair-se das maguas^{as} causadas por uma *explosão* *engenheraica*.

— que algumas moças gabam-se de ter innumerados namorados o que é bem triste e o prejuizo é dellas e a prova é o numerozo exercito de *tias* que *assaltam* os conventos.

— que o coração do The... proclamou sua *independencia* sendo a mesma reconhecida pela *potencia* que o dominava sem auxilio da Inglaterra.

— que o Perscrutador vae pedir a *Fanfarrá* que no final dos seus escriptos ponha «D'O Guarany» porque é de praxe na imprensa quando se transcreve qualquer cousa, pedir venia ao collega de que se transcreveu.

— que as *azeiteiras* promettem vingar-se de tudo que a ellas tem feito o humilde

Perscrutador

